

Ensino de Ciências e Decolonialidade: um levantamento nos Repositórios Digitais das Universidades Federais do Rio Grande do Sul

Science Teaching and Decoloniality: a survey in the Digital Repositories of the Federal Universities of Rio Grande do Sul

Giordano Ferreira Vargas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
giordanocolorado@hotmail.com

Saul Benhur Schirmer

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
saul.schirmer@ufrgs.br

Resumo

A partir da pesquisa de descritores ligados à decolonialidade nos repositórios digitais das universidades federais do Rio Grande do Sul, especialmente aqueles presentes em trabalhos acadêmicos da área de ensino de ciências, buscamos refletir sobre a importância da teoria colonial no sentido de uma produção acadêmica que se construa contra-hegemônica, ligada ao âmbito da formação de professores e da Educação. Observamos que, além de serem relativamente recentes, também há um número pequeno de trabalhos relacionados à temática, o que pode indicar num sentido amplo que o pensamento decolonial ainda busca inserção no meio acadêmico, especialmente na área em questão. Assim, realizamos aproximações teóricas aos estudos de autores decoloniais, visando contemplar na discussão possibilidades e perspectivas pedagógicas advindas da crítica ao conhecimento que nos foi imposto enquanto colonizados, suscitando a importância de trabalhos acadêmicos que incluam, debatam, consolidem e ampliem elementos do tema decolonialidade na área do ensino de ciências.

Palavras chave: decolonialidade, ensino de ciências, repositórios digitais, produção acadêmica.

Abstract

Based on the research of decoloniality-related descriptors in the digital repositories of the federal universities of Rio Grande do Sul, especially those present in academic works in the area of science teaching, we aim to think about the importance of colonial theory in the sense of an academic production built as counter-hegemonic, linked to the scope of teacher training and Education. We observed that, in addition to being relatively recent, there is also a small number of works related to the theme, which may indicate that decolonial thinking still seeks insertion in the academic environment, especially in the area observed. Thus, we made

theoretical approaches to studies of decolonial authors, aiming to contemplate in the discussion pedagogical possibilities and perspectives arising from the criticism of the knowledge imposed on us as colonized, raising the importance of academic works that debate, consolidate and expand elements of decoloniality in science teaching.

Key words: decoloniality, science teaching, digital repositories, academic production.

Introdução

Os repositórios digitais das universidades federais¹, para além da função de depósito da produção acadêmica dos e das estudantes de graduação e pós-graduação, podem ser pensados como fonte de pesquisa importante, especialmente por promoverem o acesso aberto. Para Veiga e Alves (2016) esses espaços favorecem “o aumento do impacto do trabalho desenvolvido pelos pesquisadores e instituições” e também amplia potencialidades de reflexão, análise ou de levantamento de dados, por exemplo, dos trabalhos acadêmicos. Assim, pesquisar descritores nestes bancos de dados é uma possibilidade que buscamos para nosso trabalho.

Neste sentido, utilizando os dados coletados, e também baseado em experiências em sala de aula como a de Vargas (2019), que mostram que a decolonialidade é um tema que aproxima discentes da sua própria realidade e, indo ao encontro de Nunes, Giraldi e Cassiani (2021, p.208), traz “oportunidade de pensar em novas formas de abordar os conteúdos”, buscamos refletir a respeito da quantidade de trabalhos acadêmicos ligados à área do ensino de ciências que tragam descritores que dialoguem com o decolonial, entendendo que este diálogo é importante para sugerir novas perspectivas na formação acadêmica do âmbito.

Logo, pensando em ensino, e no que a presença de descritores ligados à decolonialidade na produção acadêmica pode indicar no sentido das possibilidades e perspectivas, por exemplo, na formação de docentes (e nos cursos de graduação de licenciatura da área de ensino de ciências exatas, biológicas, da saúde, ou pós-graduação), fazemos uma aproximação com os estudos da professora estadunidense Catherine Walsh a respeito do quanto a pedagogia, ao se aproximar com o decolonial, abre espaço para o pensamento crítico e o entendimento do nosso cotidiano como o ser periférico (Dussel, 1977) questionando o centro colonial, que marginaliza os conhecimentos, práticas e saberes dos povos originários.

Pedagogias que tragam caminhos para ler criticamente o mundo e intervir na reinvenção da sociedade, como apontou Freire, mas pedagogias que por sua vez reavivam a desordem absoluta da descolonização contribuindo para uma nova humanidade, como apontou Frantz Fanon. As pedagogias pensadas assim não são externas às realidades, subjetividades e histórias vividas dos povos e da gente, mas parte integral de seus combates e perseveranças ou persistências, de suas lutas de conscientização, afirmação e desalienação, e

¹ Sugerimos, à guisa de aprofundamento no tema, o aula ministrada por Nascimento, Queiroz e Araújo (2019), disponível no Repositório Digital ARCA/Fiocruz, disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/38900/4/Reposit%C3%B3rios_Claudete_Luciana_Andrea_UFF_2019.pdf e o trabalho de Barroso, Sales e Melo (2017), disponível em <http://www.ufpb.br/evento/index.php/viii/sesa/paper/viewFile/4589/2785>.

de suas lutas - ante a negação de sua humanidade - de se e fazer-se humano. É neste sentido e frente a estas condições e possibilidades vividas que proponho o enlace do pedagógico e do decolonial. (WALSH, 2017, p. 31)

Seguindo neste diálogo com autores importantes da decolonialidade, se faz necessário também pensar no quanto a dominação colonial, num processo sistematizado e consciente, acabou por configurar a nossa concepção de mundo, enquanto latino-americanos. Neste sentido, (re)pensar constantemente a pedagogia e o ensino para que possamos produzir novas matrizes de conhecimento e possibilidades de pensamento para além daquilo que os “*loci* geohistóricos e biográficos” (Mignolo, 2009) europeus nos impuseram – trazendo um “*locus* de enunciações auto-definidas como civilização” (idem) no qual a própria produção acadêmica se encontra entremeada.

A incorporação de tão diversas e heterogêneas histórias culturais a um único mundo dominado pela Europa significou para esse mundo uma configuração cultural, intelectual, em suma intersubjetiva, equivalente à articulação de todas as formas de controle do trabalho em torno do capital, para estabelecer o capitalismo mundial. Com efeito, todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais terminaram também articulados numa só ordem cultural global em torno da hegemonia européia ou ocidental. Em outras palavras, como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento. (QUIJANO, 2005, p. 121)

Discutir o conhecimento na colonialidade² no sentido de transcendê-lo, superá-lo, conforme refletido em nossos descritores mais adiante; apontar novas perspectivas que advenham de uma produção acadêmica ressignificada por uma visão *epistemicamente desobediente* como sugerem Walter Mignolo (2009) e também Martello, Hoffmann e Teixeira (2021). Num sentido mais amplo, pensar nosso lugar no mundo enquanto latino-americanos enquanto justamente isto: *nosso* – e onde o ensino de ciências possa abarcar, por exemplo, a nossa natureza, o nosso viver, o nosso cotidiano.

Neste entremeio de ideias sobre o decolonial, do pedagógico, do epistêmico, que traz ao ensino de ciências e, em nosso trabalho, à academia e ao levantamento da produção acadêmica a possibilidade de pensar em caminhos desobedientes, nas questões que permeiam, entranham, percorrem o saber e o conhecimento: as diferenças e apropriações culturais, étnico-raciais, assim como as relações de poder arraigadas de colonialismo que podem ser abordadas na produção acadêmica e, num conseqüente, na sala de aula. Em nosso levantamento, como veremos a seguir, infelizmente aponta para uma ausência ainda muito grande destas possíveis novas abordagens de mundo, da natureza, das ciências compreendidas como algo a ser *apreendido* e não *aprendido*: da física à educação no campo, da matemática à

² Aqui, trazemos a contribuição de Nelson Maldonado-Torres (2017, p.243): “Colonialidade é diferente de colonialismo. Colonialismo denota uma relação política e econômica na qual a soberania de uma nação ou de um povo está em poder de outra nação, o que faz desta nação um império. Colonialidade, ao invés disso, refere-se aos padrões duradouros de poder que emergem como resultado do colonialismo, mas que definem a cultura, o trabalho, as relações intersubjetivas, e a produção de conhecimento muito mais além dos limites estritos das administrações coloniais. Portanto, a colonialidade segue existindo após o colonialismo. Ela é mantida viva nos livros, nos critérios para performance acadêmica, nos padrões culturais, no senso comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações do ser, e em muitos outros aspectos da nossa experiência moderna. De certa forma, como sujeitos modernos nós respiramos colonialidade o tempo todo, todos os dias.”

química, a dominação colonial se faz amplamente dominante na universidade.

Metodologia

É um trabalho de abordagem qualitativa, tendo sido realizado através de levantamento de dados que nos permitisse agregar descritores ligados ao tema da decolonialidade nos diferentes sistemas de busca apresentados nos repositórios digitais consultados, visando a discussão teórica. Assim, também consideramos ir ao encontro do que aponta Zikmund apud Oliveira (2011) no sentido do caráter exploratório deste trabalho, sendo o mesmo parte de um estudo maior em nível de mestrado acadêmico e que pode “explorar alternativas ou descobrir novas ideias”, onde se pode “definir a natureza de um problema e gerar mais informações que possam ser adquiridas para a realização de futuras pesquisas conclusivas” (ZIKMUND apud OLIVEIRA, 2011, p. 21).

A investigação se deu nos repositórios digitais das seis universidades federais do Rio Grande do Sul (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSPA, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Universidade Federal do Pampa – Unipampa e Universidade Federal do Rio Grande – FURG) e abrangeu trabalhos acadêmicos de graduação e pós-graduação de todas as áreas que contivessem ao menos um dos seguintes descritores: decolonialidade, decolonial, descolonial, descolonização e/ou descolonizar³. A partir destes resultados, buscamos aqueles que contemplassem as áreas de ciências exatas, ciências da natureza, ciências biológicas, ciências da saúde, educação no campo, ensino de ciências, educação em ciências e educação ambiental.

No tocante à opção pela pesquisa em tais plataformas, não encontramos trabalhos semelhantes e, para além do ineditismo necessário aos trabalhos acadêmicos, à guisa da metodologia em si apontamos trabalhos como o de Matias (2015), que trata da questão do povoamento dos repositórios institucionais e também da interoperabilidade entre os mesmos. De acordo com o autor, ainda há dificuldades neste sentido, e podemos pensar que se faz importante que as diferentes fontes de depósito da produção acadêmica das universidades sejam exploradas, visando uma maior visualização e possível utilização dos dados em outros trabalhos.

Destacamos que a escolha pelas universidades federais do Rio Grande do Sul para este trabalho foi suscitada pelas seguintes questões: primeiro, que 95% da produção científica brasileira advém das universidades públicas (Moura, 2019), ou seja, contemplam quase a totalidade do que é produzido; dentro das 20 primeiras destas que mais produzem, 17 são

³ Trazemos o apontamento de Vivian Santos (2018), que indica que “(...) em alguns escritos produzidos por intelectuais que integram o grupo M/C, ao serem traduzidos para a língua portuguesa, encontra-se a expressão “descolonial” como aparente sinônimo de “decolonial”. (...) não há um consenso. No contexto latino-americano, por exemplo, é mais comum o uso da expressão “descolonial” nas produções argentinas. Assim, logo nas primeiras aproximações, o decolonial demarca uma posição de disputa epistemológica e, enquanto movimento, não é unívoco. Como se diferencia “descolonial” e “decolonial”? Primeiramente, é relevante pontuar que as diferenciações postas por estes termos articulam-se como teóricas e políticas. O decolonial encontra substância no compromisso de adensar a compreensão de que o processo de colonização ultrapassa os âmbitos econômico e político, penetrando profundamente a existência dos povos colonizados mesmo após “o colonialismo” propriamente dito ter se esgotado em seus territórios. O decolonial seria a contraposição à “colonialidade”, enquanto o descolonial seria uma contraposição ao “colonialismo”, já que o termo *descolonización* é utilizado para se referir ao processo histórico de ascensão dos Estados-nação após terem fim as administrações coloniais, como o fazem Castro Gómez e Grosfoguel (2007) e Walsh (2009). O que estes autores afirmam é que mesmo com a descolonização, permanece a colonialidade.” (SANTOS, 2018, p.3).

federais, entre as quais está a universidade de origem dos autores deste (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), conforme apontado pela Comissão Institucional de Rankings da Universidade Estadual Paulista.

Em segundo lugar, complementarmente, pensamos ser interessante trazer à discussão as outras instituições federais do Estado do Rio Grande do Sul, que não constam entre as 20 primeiras. Esta pesquisa será parte integrante de trabalho mais amplo, em nível de mestrado, que abrangerá as universidades públicas federais dos três Estados integrantes da Região Sul do Brasil (das quais três fazem parte dos rankings citados, estando entre as 10 primeiras de maior produção)⁴.

Resultados e discussão

Fazendo uso das diferentes formas de busca oferecidas nos repositórios digitais pesquisados (por exemplo: por assunto, ou no catálogo como um todo), nos níveis de graduação (trabalho de conclusão de curso) e pós-graduação (dissertações de mestrado acadêmico e profissional, teses de doutorado), obtivemos 495 trabalhos ligados aos descritores sugeridos. Também, para chegar a este número, descartamos resultados repetidos que porventura ocorressem tanto pelo uso de mais de um descritor no trabalho encontrado, tanto pela similaridade das palavras utilizadas, o que acaba sendo contemplado em pesquisas do gênero.

Quadro 1: Total de trabalhos encontrados nos repositórios (graduação e pós-graduação)

Descritores	UFRGS	UFCSPA	UFPeI	UFSM	Unipampa	FURG
Decolonialidade	21 trabalhos	-	07 trabalhos	24 trabalhos	05 trabalhos	07 trabalhos
Decolonial	22 trabalhos	-	24 trabalhos	26 trabalhos	09 trabalhos	07 trabalhos
Descolonial	02 trabalhos	-	05 trabalhos	15 trabalhos	-	02 trabalhos
Descolonização	11 trabalhos	-	64 trabalhos	152 trabalhos	53 trabalhos	02 trabalhos
Descolonizar	-	-	04 trabalhos	28 trabalhos	04 trabalhos	01 trabalho
TOTAL	56 trabalhos	-	104 trabalhos	245 trabalhos	71 trabalhos	19 trabalhos

Fonte: Repositórios digitais UFRGS, UFCSPA, UFPeI, UFSM, Unipampa e Furg (2022).

Apenas em uma das universidades (UFCSPA) não encontramos nenhum trabalho nos diferentes níveis e descritores pesquisados. Os resultados encontrados compreendem o período entre 2004 e 2022, e, conforme exposto na metodologia, foram primeiramente realizados para obter todos os trabalhos que apresentassem algum dos descritores pensados, e posteriormente separados por áreas afins ao ensino de ciências.

Quadro 2: Quantidade de trabalhos encontrados relacionados aos descritores por nível acadêmico

⁴ Dados disponíveis em: <https://www.unifesp.br/noticias-antiores/item/3799-universidades-publicas-realizam-mais-de-95-da-ciencia-no-brasil> e <https://www2.unesp.br/sharer.php?noticia=35898>.

Nível acadêmico	UFRGS	UFPeI	UFSM	Unipampa	FURG
Graduação	02 trabalhos	-	-	01 trabalho	-
Mestrado Acadêmico	-	-	01 trabalho	03 trabalhos	03 trabalhos
Doutorado	01 trabalho	-	-	-	-

Fonte: Repositórios digitais UFRGS, UFCSPA, UFPeI, UFSM, Unipampa e Furg (2022).

No caso da UFRGS, dos 56 trabalhos encontrados, apenas três destes contemplam as áreas relacionadas às ciências da natureza, sendo dois na graduação (Licenciatura em Ciências Biológicas e Licenciatura em Física) e um na pós-graduação (Educação em Ciências). Na UFPeI, em que pese os 104 trabalhos encontrados, nenhum se refere a alguma área do ensino de ciências pensada para a pesquisa, sendo a grande maioria destes ligadas às ciências humanas e sociais.

A universidade com maior número de resultados encontrados quanto aos descritores (UFSM) também reflete a ausência de trabalhos ligados à decolonialidade no ensino de ciências: das 245 produções levantadas, apenas uma de pós-graduação (Educação em Ciências) surge frente ao proposto na pesquisa. O caso da Unipampa é um pouco mais alvissareiro: nos 71 trabalhos pesquisados, em sua grande maioria ligados à área das Relações Internacionais, ao menos pudemos localizar quatro trabalhos na área de ensino de ciências, sendo um de graduação (Licenciatura em Ciências da Natureza) e três de pós-graduação (Educação em Ciências e Mestrado Acadêmico em Ensino – estes serão considerados pelo conteúdo)⁵.

Por fim, a FURG acabou por mostrar três trabalhos em meio às 19 inserções localizadas: duas dissertações de mestrado na área de Educação Ambiental e uma no Ensino de Física, sendo a universidade com o maior número proporcional de trabalhos encontrados entre os descritores pesquisados.

Quadro 3: Ano de publicação das produções encontradas

Ano de publicação	Quantidade
2015	01 trabalho
2016	01 trabalho
2017	01 trabalho
2018	01 trabalho
2019	03 trabalhos
2020	01 trabalho
2021	03 trabalhos

Fonte: Repositórios digitais UFRGS, UFCSPA, UFPeI, UFSM, Unipampa e Furg (2022).

⁵ Sendo estes: as dissertações de mestrado de Luis Jacinto (2019) sobre saberes de resistência em uma comunidade quilombola, que inclui, além de uma bela narrativa, a ideia para construção de cisternas (disponível em <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/riu/4748>) e de Bóris Bonfanti (2021), que aborda conceitos que aproximamos ao descolonizar, que ele chama de “matemática menor, matemática por vir, a ser forjada como máquina de guerra em adesão à outras forças, aquelas que emanam das existências nas periferias e pelas quais são inventadas estratégias diárias para sobreviver em meio ao caos” (disponível em <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/riu/5947>).

Assim, chegamos a um resultado de 11 trabalhos ligados à área de ensino de ciências localizados através dos descritores decolonialidade, decolonial, descolonial, descolonização e/ou descolonizar nos repositórios digitais das universidades federais do Estado do Rio Grande do Sul, o que representa apenas 2,22% de toda a produção da área disponível para consulta nestas plataformas (495 produções). O ano de publicação compreende o período entre 2015 e 2021, o que nos indica que a abordagem do tema é recente.

O levantamento realizado em nosso trabalho procurou, dentro de entendimentos também trazidos por Martello, Hoffmann e Teixeira (2021), Dutra e Monteiro (2021) e Castro e Monteiro (2019), uma análise sistemática dos resultados, visando através destes perceber a presença de descritores ligados ao tema da decolonialidade em trabalhos acadêmicos (nos casos citados, foram analisadas as seguintes bases de dados: a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e os anais dos ENPEC). Assim, conforme apontamos anteriormente, trazemos nossa contribuição no sentido de ampliar a interoperabilidade entre as plataformas de pesquisa disponíveis e, principalmente, de trazer mais uma aproximação teórica à importância da temática decolonial nas produções acadêmicas.

Pensamos no sentido do que nos aponta Catherine Walsh, que práticas de ensino e aprendizagem de ciências tradicionalmente discutidas, repetidas e reproduzidas no meio acadêmico eurocêntrico que vivemos podem ser ressignificadas rumo a uma insurgência: ainda sendo um tema relativamente novo inserido na produção acadêmica (nos dados da nossa pesquisa, de 2010 em diante), a decolonialidade está, mesmo que timidamente, aparecendo na superfície dos trabalhos da área de ensino de ciências das universidades, buscando romper laços de dominação cultural, política, de ideias. A luta para uma educação desobediente e contra-hegemônica é de larga duração.

Assim se pode entender o pedagógico do decolonial, por uma parte (...), como metodologias organizacionais, analíticas e psíquicas que orientam rupturas, transgressões, deslocamentos e inversões dos conceitos e práticas impostas e herdadas. E pelo outro lado, como o componente central e constitutivo do decolonial em si, seu condutor; o que dá caminho e impulso aos processos de liberação e desprendimento, e o que conduz a situações de de(s)colonização. (WALSH, 2017, p. 64)

Logo, não é desconsiderar, por exemplo, fórmulas e esquemas, dados e estudos de caso que se fazem importantes ao ensino de ciências: talvez, num exercício dialógico, entender como as outras áreas se aproximam com mais frequência da teoria e da pedagogia decolonial; nos trabalhos que revisitamos, vimos o quilombola, a negritude, o estudo de gênero, o contato com a natureza, o respeito às cosmogonias: há muitos caminhos e muitas mãos a serem dadas.

Considerações finais

Contribuições no sentido de entender como a produção acadêmica da área de ensino de ciências vem sendo contemplada com perspectivas decoloniais, conforme apontamos, já vem sendo construídas. Isto aponta que levantamentos em outras bases de dados vêm sendo realizados, e que há diversas formas de ampliar o debate, trazendo novas ideias e resultados. Assim, acreditamos que a nossa pesquisa pode ser um pequeno passo nessa direção. Observamos que, além de serem relativamente recentes, também há um número pequeno de trabalhos relacionados à temática, o que pode indicar num sentido amplo que o pensamento decolonial ainda busca inserção no meio acadêmico, especialmente na área em questão.

A discussão sobre a importância de trazer a teoria decolonial para a academia e, aqui, pensando no ensino de ciências, é algo que se mostra importante em tempos de constante esquecimento em nosso país: esquecemos que há pouquíssimo tempo atrás vivemos uma ditadura militar financiada pelo imperialismo europeu e estadunidense, que não é primo distante do colonialismo. E, mesmo assim, vemos seres latino-americanos, tristes herdeiros de anos sangrentos, clamando pela volta de anos onde inclusive a produção de conhecimento era regulada e censurada. Temos (nunca se sabe por quanto tempo) em mãos a possibilidade de escrever novas histórias, novos meios de se fazer ciência, de se pensar o mundo, e na teoria decolonial podemos vislumbrar sempre um novo mundo, uma nova Abya Yala⁶, ensinando, produzindo e *vivendo* ciências rumo ao Sumak Kawsay⁷.

Agradecimentos e apoios

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos de mestrado ao primeiro autor.

Referências

- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n11/04.pdf>. Acesso em: 30 out. 2022.
- NUNES, P.; GIRALDI, P.; CASSIANI, S. Decolonialidade na Educação em Ciências: o conceito de bem viver como uma pedagogia decolonial. **Revista Interdisciplinar Sulear**, n.9, p. 199-219, abril 2021. Disponível em <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/5651/3420>, Acesso em: 08 nov. 2022.
- CASTRO, D. J. F. de A.; MONTEIRO, B. A. P. A decolonialidade no ensino de ciências através da análise dos trabalhos publicados no ENPEC. **Anais do XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Natal, p. 1 - 6, 2019. Disponível em <https://abrapec.com/enpec/xii-enpec/anais/resumos/1/R1530-1.pdf> Acesso em: 02 nov. 2022.
- DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação**. São Paulo: Edições Loyola, 1977.
- DUTRA, D. S. de A.; MONTEIRO, B. A. P. Decolonialidade na formação de professores/as e interlocuções no ensino de ciências e matemática: um olhar sobre teses e dissertações. **RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade**, Foz do Iguaçu, v.8, n.2, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.23899/relacult.v8i2.2250>. Acesso em: 02 nov. 2022.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. On the coloniality of Being. **Cultural Studies**, Londres, vol. 21, n. 2-3, pp. 240-277, 2007. Disponível em

⁶ Abya Yala: “na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada, no norte da Colômbia. (...) Abya Yala vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a *América*.” Disponível em: <https://iela.ufsc.br/povos-originaarios/abya-yala>

⁷ Conforme Burgos e Oliveira (2020), “No caso do Equador, a expressão “Sumak Kawsay” – traduzida para o castelhano como “Buen Vivir” (bem viver) – provém do idioma quíchua e forma parte do legado conceitual e vital de povos andinos originários” (tradução nossa). Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/50868/30180>

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09502380601162548>. Acesso em: 01 nov. 2022.

MARTELLO, C.; HOFFMANN, M. B.; TEIXEIRA, M. R. F. A Teoria Decolonial e Ensino de Ciências: um recorte bibliográfico. **Anais do XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (evento online)**. Disponível em

<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/76072>. Acesso em: 30 out. 2022.

MATIAS, Mesailde Souza de Oliveira. **Base referencial para o povoamento de repositórios institucionais: coleta automatizada de metadados da Plataforma Lattes**. Dissertação de Mestrado (Gestão de Organização e Sistemas Públicos). Universidade Federal de São Carlos, 2015. Disponível em

<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/6932/DissMSOM.pdf?sequence=1>.

Acesso em: 05 nov. 2022.

MIGNOLO, Walter. Epistemic Disobedience, Independent Thought and De-Colonial Freedom. **Theory, Culture & Society**, Londres, vol. 26, n. 7-8, 2009. Disponível em <http://waltermignolo.com/wp-content/uploads/2013/03/epistemicdisobedience-2.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2022.

MOURA, Mariluce. Universidades públicas respondem por mais de 95% da produção científica do Brasil. **Ciência na Rua**, São Paulo, abril 2019. Disponível em <https://ciencianarua.net/universidades-publicas-respondem-por-mais-de-95-da-producao-cientifica-do-brasil/>. Acesso em: 28 fev. 2023.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Universidade Federal de Goiás, 2011. Disponível em https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf. Acesso em: 11 nov. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires (Argentina), CLACSO, p. 117-142, 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 05 nov. 2022.

SANTOS, Vivian Matias dos. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. **Psicologia & Sociedade (online)**, v. 30, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30200112>. Acesso em: 09 nov. 2022.

VARGAS, Giordano Ferreira. **Perspectivas de Ensino de História Decolonial : uma experiência na disciplina de Estudos latino-americanos do Colégio de Aplicação/UFRGS**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/205200>. Acesso em: 30 out. 2022.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales. Prácticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir**. Quito (Equador): Editora Abya-Yala, 2017. Disponível em <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2018/03/catherine-walsh-pedagogc3adas-decoloniales-volume-i.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2022.